



125 anos de literatura africana de expressão portuguesa

Angola — Moçambique — São Tomé e Príncipe — Guiné-Bissau — Cabo Verde

GRAMIRO DE MATOS

Romancista, professor e pesquisador; ex-bolsista
da Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal e França (1974-76)

Breve Iniciação

Os cento e vinte e cinco anos de atividade e desenvolvimento literário na África de expressão portuguesa podem ser demarcados em duas grandes linhas fundamentais:

- 1 — A Literatura Colonial;
- 2 — A Literatura de Expressão Portuguesa.

Denomina-se “literatura colonial” a poesia e ficção que basicamente tomaram o homem europeu como cerne de sua criação artística em detrimento do homem africano e sua realidade. No universo principal desta literatura, a presença sensual e social, voluptuosa e humana do africano é rara e acidental, geralmente com tema de bestiário ou ser coisificado ou “selvagem”. O banco, europeu, contrariamente, é visto como herói, destemido descobridor de terras ricas ou eldorados paradisíacos, o sacrificado — refletindo claramente o inconsciente da ideologia colonial, que descreve o europeu sempre como agente do desenvolvimento, jamais como dominador.

Exemplos desta literatura foram captados desde os fins do século dezanove, principalmente através da ficção. Na segunda metade deste mesmo século, entretanto, já se detectavam obras — que por sua temática e formas artísticas nitidamente africanas, realizadas por jornalistas e escritores culturalmente resistentes — incompatíveis com a linha dominante da chamada “literatura colonial”.

Entre estes autores e obras de expressão africana, referenciamos Alfredo Troni (1845-1900) autor do pequeno e significativo romance **NGA MUTÚRI** e **SENHORA VIÚVA** (1882); Ernesto Marecos (1836-1879), criador da lenda em versos **JUCA, O MATUMBOLLA** (1865); Eduardo Neves (1865), todos

autores portugueses radicados em Angola e Moçambique, profundamente ligados às raízes culturais africanas. Dos criadores totalmente africanos destacamos o poeta e etnógrafo Joaquim Dias Cordeiro da Matta (1857-1894), autor de **DELÍRIOS** (1875); Pedro Felix Machado, romancista, autor de **SCENAS DA VIDA D'ÁFRICA** (1880).

A maioria destes autores eram militantes políticos e gente ligada ao jornalismo, incansáveis denunciadores dos excessos do governo colonial, das restrições políticas, econômicas e sociais.

Mas – deve-se anotar aqui com honestidade – o jornal **ECHOS DE ANGOLA**, apesar do domínio histórico do branco colonizador, chegou a ser dirigido por pretos, mestiços e brancos. Este leque multirracial de artistas conseguiu publicar também revistas importantes: **AURORA** (1865); **ENSAIOS LITERÁRIOS** (1901); **LUZ E CRENÇA** (1902). Esta obra artística pioneira, de fundo humanista e libertário, realizada por combatentes da democracia racial e da liberdade e soberania nacional, surgiu também em Moçambique e Cabo Verde: os jornais **O PROGRESSO** (1868, Moçambique) e o **INDEPENDENTE** (1877, Cabo Verde). Assinala-se ainda os **BOLETINS OFICIAIS** (governamentais) que receberam colaboração literária de autores nacionalistas, não se sabendo, porém, da importância real dos textos, por carência de pesquisa.

Nestas duas últimas ex-colônias portuguesas citadas o registro do movimento artístico anticolonialista é considerado pequeno, por vários motivos. Os caboverdianos tiveram de emigrar para Portugal, abandonando o contexto social e cultural de sua terra. Caso da romancista Antonie Gertrudes Pusich (1805-1883) e Henriques de Vasconcelos (1875-1924), o autor de **A MENTIRA VITAL** (1897); Mesmo assim, em 1897, o escritor José Evaristo d'Almeida – radicado em Cabo Verde – escreveu o famoso romance abolicionista **O ESCRAVO**.

Em Moçambique – com presença europeia bem menor do que em Angola – carecia de mínimas condições para um desenvolvimento regular de sua literatura emergente. Mas a presença do grande poeta inconfidente brasileiro Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810) – degredado em 1792 para a então colônia portuguesa (onde morreu) por sua participação ativa na luta pela libertação nacional do Brasil do jugo colonial – deve ter oferecido estímulos à criação cultural revolucionária, se bem que esta última fase do grande poeta mineiro em África permaneça à disposição dos pesquisadores brasileiros para um levantamento completo de possíveis dados sobre suas derradeiras atividades culturais.

Sabe-se que o **ALMANACH DE LEMBRANÇAS** (1851-1932), editado em Lisboa, publicou muitos autores africanos, ainda hoje não conhecidos – outro roteiro de futuras pesquisas, para uma melhor avaliação da significação histórica, não apenas da literatura moçambicana, como a de toda África de expressão portuguesa, arte que permanece ignorada.

Destarte, podemos informar que a ruptura com a tendência colonial da literatura africana, efetou-se historicamente com o romance **O SEGREDO DA MORTA** – decorrendo toda a ação do livro em Angola, na transição do século XIX para o século XX – do mestiço angolano Antonio Assis Junior,

conspirador nacionalista, preso várias vezes, considerado o reintegrador de uma linha substancialmente africana na literatura de expressão portuguesa. Contudo, pesquisadores – como o romancista caboverdiano Manuel Ferreira – consideram importante para o conhecimento da evolução crítica e não comprometida com a estética e ideologia colonial da literatura emergente africana, o livro **VERSUS**, do negro sã-tomense Caetano da Costa Alegre (1864-1890), tido também como o poeta precursor do movimento cultural africano denominado “Negrismo”, por versos como estes:

/'A minha dor é negra/indica luto e pena/ Todo eu sou um defeito'/.

A “literatura colonial” desemboca assim numa tomada de consciência que aos pouco ia manifestando sua autonomia, na afirmação da tematicização dura e telúrica da realidade africana – consolidando-se no próprio depoimento do artista, resistindo e denunciando o racismo e o colonialismo.

Quanto ao desenvolvimento efetivo, a Literatura africana de expressão portuguesa está atualmente classificada segundo um esquema elaborado pelos professores Manuel Ferreira e Gerald Moser – lusófilo americano –, autores da **Bibliografia da literatura africana de expressão portuguesa** (Imprensa Nacional, Lisboa, no prelo):

a) – **CABO VERDE**: início com a revista **CLARIDADE** (1936-1960).

b) – **SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**: com o livro de poemas **ILHA DE NOME SANTO** (1943), de Francisco José Tenreiro, um dos maiores poetas africanos de expressão portuguesa.

c) – **ANGOLA**: com a revista **MENSAGEM** (1951-1952)

d) – **MOÇAMBIQUE**: com a revista **MSAHO**

e) – **GUINÉ-BISSAU**: não teria ultrapassado a “fase colonial”.

I – Angola

O livro **QUISSANGE – SAUDADE NEGRA** do poeta português Tomaz Vieira da Cruz, anterior ao já citado **SEGREDO DA MORTA**, do angolano Assis Junior, aprofundou-se totalmente no mágico e rude espaço angolano, singularizando e universalizando uma poesia impregnada de influências portuguesas dominantes. Mas é com o mestiço Geraldo Bessa Vitor, com o trabalho de ficção **AO SOM DAS MARIMBAS** (1943), que a literatura moderna angolana consegue atingir significados de cultura africana – ampliados vigorosamente por, pelo menos, dois dos mais importantes movimentos culturais negros, a “Negritude” e o “Tropicalismo” –, ainda em fase de descobrimento.

Com o romancista moçambicano radicado em Angola, Castro Soromenho, autor do livro **HOMENS SEM CAMINHOS** (1942), de conhecida qualidade literária e vigorosa denúncia da problemática colonial, a literatura contemporânea africana consolida sua dimensão universal, reforçada atualmente pelo grande romancista novíssimo angolano José Luandino Vieira (que tivemos oportunidade de conhecer pessoalmente em Lisboa, é atual diretor da radiotelevisão angolana), realizador de uma obra de nítida influência plural de alguns dos maiores autores brasileiros, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa.

José Luandino Vieira

LUUANDA

estórias



Todos os livros de Castro Soromenho, **VIRAGEM** (1949); **TERRA MORTA** (1972) e **CHAGA** (1970) analisam as apreensões e conflitos das contradições coloniais, sua temática preponderante.

Com o “Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola” (1948) e o slogan “Vamos descobrir Angola”, sedimenta-se e dinamiza-se a reconversão cultural angolana, semente da longa luta pela Independência do país, colonizado há quinhentos anos, e do desenvolvimento de sua arte literária. A **ANTOLOGIA DOS NOVOS POETAS DE ÂNGOLA**, surgida mimeografada em Luanda, é o primeiro exemplo. Mas foi com a revista **MENSAGEM** – onde se destacaram nomes como Agostinho Neto (**Poemas**), Viriato Cruz (**Poemas**) e, principalmente, o grande poeta Antonio Jacinto (que fora condenado a doze anos de prisão e é o atual Ministro de Educação e Cultura de Angola) – que tornou fato concreto e definitivo a individualidade deste país da África, secularmente distorcida pela colonização. Merece referência também o ensaísta, pensador e contista Mario Antonio, autor de **POESIA** (1956); **FARRA DE FIM DE SEMANA**, contos (1965), além do grande filósofo Mário de Andrade, autor de vários trabalhos em todos os campos da arte e literatura (tem trabalho publicado no Brasil).

Fechada a **MENSAGEM** pela polícia colonial, apareceu “Cultura” (1967-1961), reunindo os autores acima citados, que colaboravam também com o **JORNAL DE ANGOLA** e outras publicações. Destes últimos sobressairam Costa Andrade com seu futuro livro **TERCEIRAS ACÍCIAS RUBRAS** (1961); Tomaz Jorge com **ARREIAL**, poesia (1961), e antropólogos como Mário Lopes Guerra, Henrique Guerra, autor de **A CUBATA SOLITÁRIA**, contos (1962), e Arnaldo Santos com **QUINAXIXE**, também contos (1965).

De acordo com a nossa opinião, nenhum dos autores referidos como participantes das revistas acima citadas, conseguiu conceber (talvez com as exceções dos poetas Viriato Cruz e Antonio Jacinto – seus poemas foram gravados por grandes cantores africanos, como o angolano Rui Mingas) uma literatura profundamente nacional e universal como Luandino Vieira, autor de **A CIDADE E A INFÂNCIA** (1961); **LUUANDA** (1964); **NO ANTIGAMENTE, NA VIDA** (1974) e **DOMINGOS XAVIER** (1975) e que também foi preso e condenado a doze anos de cadeia.

Com grande dificuldade, surgiu na década de setenta a revista **VECTOR** (1971-1972), que reuniu autores africanos perseguidos e portugueses radicados. Destes últimos vieram à lume os livros **A IDADE DAS PEDRAS** (1969), de Cândido das Velhas; **O PROCESSO POÉTICO EM 41 POEMAS** (1971) e **HOJE DE MADRUGADA**, de Bellini Jara. Em Angola, poetas e ficcionistas escrevem no suplemento **ARTES E LETRAS D’PROVÍNCIA DE ANGOLA**, dirigido pelo escritor Carlos Ervedosa que exerceu, junto com Mário de Andrade, grande influência na divulgação da literatura angolana moderna através da Casa dos Estudantes do Império, publicando o ensaio **A LITERATURA ANGOLANA** e lançando o romancista David Mestre, criador do violento **CRÔNICA DO GHETO** (1973), que, por sua vez, foi o responsável pela edição e divulgação do caderno de poesia mimeografada **KUZUELA** (1973-1974). Esta antologia – entre outros escritores que se tornaram famosos – revelou João Maria Vilanova, autor de **VINTE CANÇÕES PARA XI-**

ARTIST (1940) BECAME

HOW! SO WHO?

THE MILLION A MILLION

IS A (1971) ATTEM

TO SHOW US HOW TO

BRING THE FUTURE

TO THE PRESENT

AND THE PAST

A SILENT FILM

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

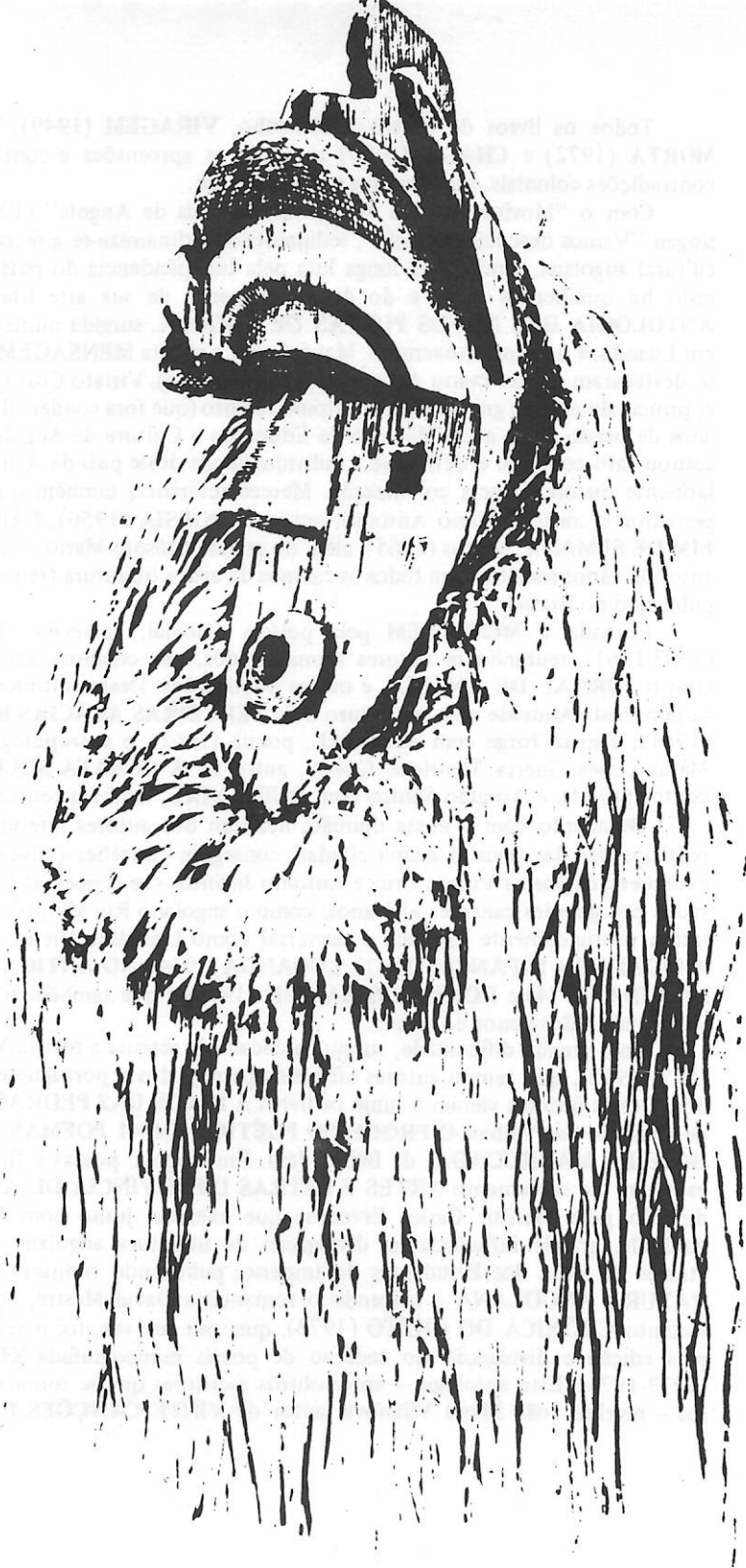
THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS

THE BEST OF THE

THEY SAY IT IS



MINHA: / “*Meu Papagaio de papel laranja/chuva ou gota de ilusão*”/. Das atividades semi-clandestinas desta época, destaca-se a coleção **CAPRICÔNIO** (1973-1975).

II – Moçambique

A mais antiga obra literária moçambicana de considerável importância é **O LIVRO DA DOR** (1925), do romancista e jornalista João Albasini (século XIX-1943). Mas só na década de trinta – através da imprensa periódica, o jornal **BRADO AFRICANO** e a revista **MIRAGEM** – com o poeta Rui Noronha (1909-1943), autor de **SONETOS** (1943), realizaram-se os primeiros esforços para o progresso da moderna literatura moçambicana. Destacamos ainda, nesta fase preliminar, o livro **NYAKA** (1942) do português radicado Caetano Campos. Contudo, a grande influência exercida nesta difícil trajetória inicial, foi o mensário cultural chamado **ITINERÁRIO**, que repercutiu, inclusive, em Angola.

POETAS DE MOÇAMBIQUE, publicação da Casa dos Estudantes do Império, organizada por Luís Polonah, fica sendo, historicamente, a primeira antologia de poetas moçambicanos. Mas é com **MSAHO** (Lourenço Marques, 1952), revista de único número, organizada por Virgílio de Lemos – autor de **Duarte Galvão** – que se manifestam os primeiros trabalhos indicativos de uma literatura democraticamente complexa, autêntica e africana. São precursores desta arte, o poeta Fonseca Amaral que conhecemos também pessoalmente – e a poetisa mestiça-Noemia de Souza, além de Orlando de Mendes, autor de **DEVOÇÃO**.

A significação de **MSAHO** para a literatura moçambicana foi profunda, provocando de imediato o surgimento de um suplemento literário no jornal **BRADO AFRICANO** (1954), reunindo os melhores autores de Moçambique: Fonseca Amaral, Rui Mogar, Virgílio Lemos, Noemia de Souza e o sensacional José Craveirinha: “*E nós? /Ah, nós esperamos/na euforia das costas suadas/que o sal acumulado/deflagre*”; e ainda Marcelino dos Santos (atual Vice-Presidente de Moçambique), todos precursores e guias de uma literatura africana modernista e universal.

Neste período histórico desenvolveu-se também um movimento teórico sobre arte e literatura, através de jornais e revistas. Significativos foram a revista **PARALELO 20** (1955-1961) e os suplementos do jornal **A VOZ DE MOÇAMBIQUE** e, mais recentemente, os ensaios de Eugénio Lisboa **CRÔNICA DO TEMPO DA PESTE** (vol. I e II, 1972-1976). Por outro lado a revista **CALIBAN** (1971-1973) revela e, sobretudo, confirma o talento e inventividade de poetas como Jorge Viegas, Sebastião Alba, Lindo Lhongo, – que é também o primeiro teatrólogo moçambicano. Dirigida por Rui Knopfli, esta revista publicou ainda muitos escritores africanos de expressão inglesa e francesa.

Existe diferença notável entre a literatura moçambicana e angolana. Esta, refletindo e explodindo um mundo essencialmente multifacetado e multirracial, étnica e culturalmente miscigenado, tece sua arte ficcional ou poética dentro do enredo das realidades africanas profundas, originais – fe-

ridas e descaracterizadas pelo sistema colonial. Qualquer autor angolano importante – preto, branco ou mestiço – expressa com toda assimetria e vigor, o doloroso e dilacerante universo africano com uma mínima referência cultural europeia, excetuando-se os exemplos mais antigos da “literatura colonial” – geralmente tornada coadjuvante pelo forte fundo singular deste país de expressão portuguesa, Angola.

Aquela, a literatura moçambicana, expondo os grupos raciais moçambicanos de estrutura rígida, demarcados, pouco miscigenados, dividiu os autores africanos e europeus, tornando-os respectivamente representativos indiretos dos seus estratos culturais, resultando numa literatura por realizar a necessária incorporação do nacional complexo e diversificado de um país de vocação democrática e multirracial. Isto não haverá de impedir que a literatura moçambicana realize experiências de linguagem e qualidades expressivas – como é prova a obra do genial poeta José Craveirinha – muitas vezes superior às de outros países de expressão portuguesa e, mesmo, francesa ou inglesa.

Os poetas que mais se destacaram em Moçambique são: José Craveirinha autor do recente e fabuloso **KARINGANA UA KARINGANA** (1974); Virgílio Lemos, com **POEMAS DO TEMPO PRESENTE** (1960) – que lhe valeu a prisão –; Orlando Mendes, autor de **ADEUS DE GUTUCUMBI** (1974); Rui Knopfli com o **PAÍS DOS OUTROS** (1959); Cipriano Justo, autor do **GHETO** (1969); Manuel Felipe de Moura, criador de **O DIREITO DE CANTAR** (1957), e ainda Marcelino dos Santos. Na ficção, que cresceu menos do que a poesia (ao contrário de Angola, onde se desenvolveu mais do que a poesia), destacam-se a novela **GODINHO E OUTROS CONTOS** (1952), metáfora da dor e da violência do mundo segregado do colonialismo, de João Dias; **PORTAGEM** (1965) e o **PAÍS EMERGENTE** (1975), do romancista Orlando Mendes. O mais vigoroso e universalmente admirado dos autores de ficção moçambicano, entretanto, nomeadamente entre franceses e ingleses, é Luís Berna Honwana, criador do fascinante **NÓS MATAMOS O CÃO-TINHOSO** (1964).

III – Guiné-Bissau

Este país de expressão portuguesa é considerado o mais pobre em criação literária na África, permanecendo as poucas manifestações aí registradas dentro da estética e ideologia da “literatura colonial”. E mesmo assim os exemplos são raros. Com exceção de Artur Augusto, de origem caboverdiana, autor de **AÚA** (1934), e de alguns poucos contos publicados no jornal **N’O MUNDO PORTUGUÊS**, não existiu na GUINÉ um poeta ou romancista de relativa importância. As formas particularmente repressivas aqui assumidas pelo colonialismo, constituem um dos fatores principais para sua pobreza cultural.

No entanto no século XX surgia uma figura singular, quase única embora significativa no espaço cultural miserável desta ex-colônia portuguesa: o Cônego Marcelino Marques de Barros (1843-1929), autor do importante trabalho histórico-literário **LITERATURA DOS NEGROS**, ensaios (1900), além do também valioso **ALMANACH LUSO-AFRICANO** (1899, editado em Cabo Verde).

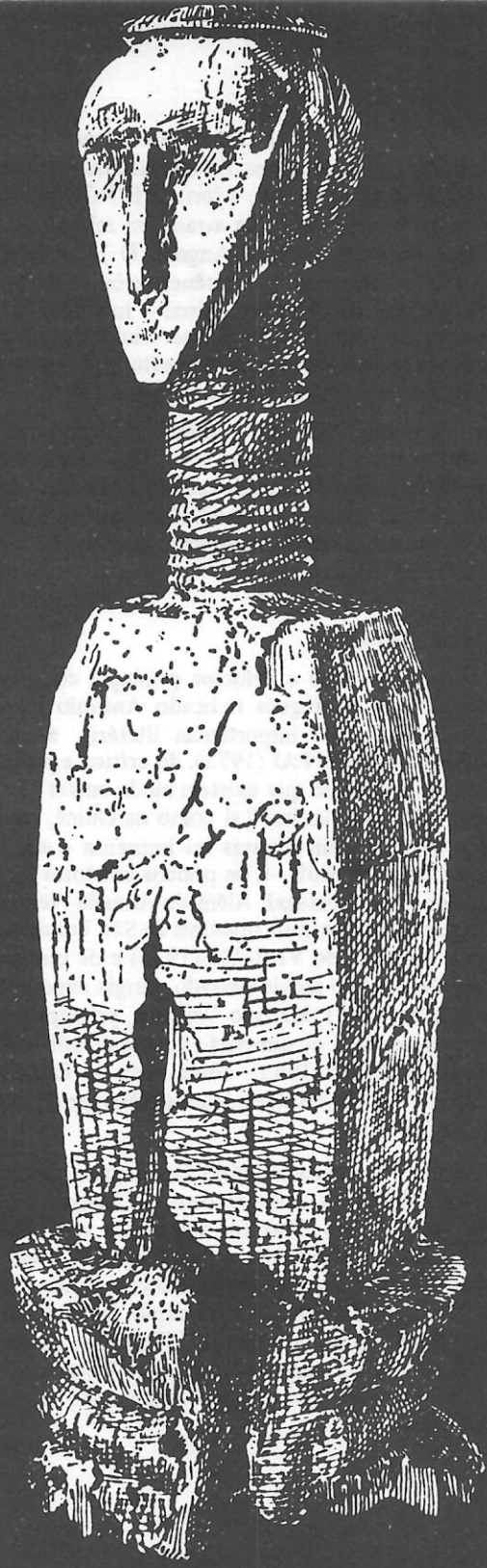
Os índices de analfabetismo na Guiné foram considerados os mais altos dentre todos os outros países africanos. Só nas últimas décadas foram criados cursos primário e secundário, sendo que o jornal **PRÓ-GUINÉ** nasceu em 1924 – pelo menos com quase um século de atraso em relação ao nascimento da imprensa em outros territórios, como Angola. O livro de Carlos Semedo, **POEMAS** (1963) não transformou esta carência crônica de literatura, apenas remexida com os poemas de Amílcar Cabral – fundador da nacionalidade guineense e caboverdiana – de fundo e forma crioulo, dialeto de Cabo Verde, onde Amílcar nasceu e realizou seus primeiros estudos (os poemas de Amílcar Cabral foram publicados pela revista brasileira *Vozes*, 1976).

Já o folheto de poesia **POILÃO** – editado pelo grupo desportivo e cultural do Banco Ultramarino e aparecido em 1973 – foi considerado consequência direta da alfabetização feita pelos combatentes da Independência nas “zonas libertadas” durante a guerra colonial. Hoje existem sinais de um rápido desenvolvimento da literatura na Guiné-Bissau, incentivada a partir da publicação periódica **NO PINTCHA**.

IV – São Tomé e Príncipe

A literatura de São Tomé e Príncipe principia com o pequeno livro **EQUATORIAS** (1896) do português radicado Antonio Almada Negreiros (1868-1939). Considerando sua importância literária, a obra significativa mais recente é **TERRA DO MEU PAI** (1972), do crítico e professor Alexandre Pinheiro Torres, embora se saiba que existem ainda outras novíssimas e originais, por nós ainda não pesquisadas. Tal como na Guiné, carente de alfabetização e atividade cultural, sem revistas ou imprensa – embora o primeiro jornal de São Tomé date de 1869 –, os poucos criadores intelectuais sã-tomenses vieram revelar-se em Portugal. Além de Almada Negreiros, destaca-se como um dos primeiros autores fundamentais de São Tomé, o poeta Caetano Costa Alegre, autor do já citado **VERSUS** (1916) e de outros trabalhos que permaneceram inéditos desde o século passado. Surgia depois Viana de Almeida, o contista de **MAÍÁ** (1943); Marcelo Veigas e, principalmente, Francisco José Tenreiro – o grande poeta de dimensão africana e universal – com seu livro **ILHA DE NOME SANTO** (1943); ainda Alda do Espírito Santo (atual Ministro da Educação e Cultura) e Maria Manuela Margarido, autora de **ALTO COMO O SILÊNCIO** (1975).

Sobressaem ainda o romancista Mário Domingues, autor de **MENINOS ENTRE GIGANTES** (1960) – a ação decorre em Lisboa, tendo como protagonista principal, um mulato. Mas foi sobretudo com Tomaz Medeiros, Marcelo Veigas, Alda do Espírito Santo e Francisco José Tenreiro que se formou o grupo modernista sã-tomense, profundamente ligado a cultura original de seu país. Francisco José Tenreiro, por exemplo, já em 1943 era considerado por críticos o primeiro grande poeta da “Negritude de expressão portuguesa”, tendo influenciado não apenas a própria “Negritude” de expressão francesa como todo processo de desenvolvimento da moderna literatura angolana e moçambicana.



A poesia de São Tomé e Príncipe é das mais originais de todo continente africano, carregada de um africanidade inusitada, reunindo elementos dos grandes movimentos culturais negros — o “Tropicalismo”, a “Negritude”, o “Mulatismo” — esta arte é possivelmente igualada pela poética caboverdiana, a chamada “caboverdianidade mulata”, musa inspiradora da sociologia cultural das ilhas criolas como um universo entre-dois-mundos. Menos importante, porém, é a ficção de São Tomé, relevante apenas o nome de Sum Marki, autor de **VIDA GLOGÁ**, para além de Viana de Almeida e Mário Domingues, citados.

A característica principal da obra do maior poeta sã-tomense, Francisco Tenreiro — publicada postumamente com o título geral de **OBRA POÉTICA DE FRANCISCO JOSÉ TENREIRO** — é o artesanato do texto. Também a multiplicidade de tensão e percepção — tudo com carregamento de sons, que é uma grande e bela tradição de toda poesia africana, oriunda da literatura oral milenar. Seus versos são elaborados grandes e ritmados quando a temática é a “Negritude” e densos e telúricos quando quer exprimir a singularidade do universo mulato autônomo.

A originalidade da literatura e cultura em geral de São Tomé e Cabo Verde, manifesta-se também através de textos bilingües. No caso de São Tomé é muito usado uma variante do dialeto crioulo caboverdiano, denominado “forro”. E o principal poeta bilingüe deste Arquipélago é Francisco Stockler.

V — Cabo Verde

Possui a cultura mais original e específica de toda a África. Sua arte e literatura — principalmente a poesia e a música são de uma singularidade e uma complexidade que nos exige, para uma próxima oportunidade, um ensaio especial e autônomo.

É importante lembrar, por enquanto, o trabalho realizado por Luís Romano, poeta e prosador cabo-verdiano de grande envergadura e atual representante diplomático de Cabo Verde no Rio de Janeiro. Nascido na Vila da Ponta do Sol, ilha de Santo Antão, arquipélago de Cabo Verde, em 6 de outubro de 1922, viveu ainda 14 anos no Marrocos, antes de transferir-se para o Nordeste brasileiro, onde conviveu com Luís da Câmara Cascudo e envolveu-se com a realidade e a cultura brasileiras, sem esquecer as suas origens africanas. Colaborou em diversas revistas culturais de Portugal, Holanda, Angola e Cabo Verde, publicando no Brasil uma série de obras que bem demonstram a sua insistência na utilização literária do dialeto crioulo: *Famintos*, romance (Rio de Janeiro, 1962); *Clima*, poesia (Recife, 1963); *Cabo Verde — elo antropológico entre a África e o Brasil e Evocação de Portugal e presença do Brasil na Literatura cabo-verdiana*, conferências (1964 e 1966); *Literatura cabo-verdiana* (Lisboa, 1966) e *Cabo Verde — renascença de uma civilização do Atlântico Médio* (Lisboa, 1967), ensaios; *Negrume — Lzimparim*, histórias e poemas bilingües (Rio de Janeiro, 1973).

VI — O Teatro Africano de Expressão Portuguesa

O teatro é uma das formas de expressão artística muitíssimo raras em toda África de expressão portuguesa. Em Angola referenciamos apenas dois

nomes de dramaturgos: Orlando Albuquerque e Domingos Van-Dunenm.

Já em Moçambique podemos citar pelos menos três teatrológos e suas obras: Afonso Ribeiro (português radicado), autor de **TRÊS SETAS APONTADAS PARA O FUTURO** (1959); Orlando Mendes, autor da peça **UM MINUTO DE SILÊNCIO** (1970), e ainda Lindo Lhongo, criador de **OS NOIVOS OU CONFERÊNCIA DRAMÁTICA SOBRE O “LABOLO”** (inédito).

Esta micro e incompleta retrospectiva dos cento e vinte e cinco anos da literatura na África de expressão portuguesa, inclui apenas a literatura “escrita” e desenvolvida com a participação ativa de europeus. Não se fez referências à fabulosa, rica e antiga literatura “oral” africana, muito conhecida, inclusive entre nós brasileiros, que a temos como herança cultural, principalmente na música e religião e que data dos primeiros anos de existência dos povos negros.

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, Manuel, *A Literatura Africana de expressão portuguesa – uma literatura ignorada*. Separata de la Universidad Complutense, vol. XXV, n.º 103. Mayo, Junio 1976
- FERREIRA, Manuel – *No Reino de Caliban – Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa: Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique*. Organização, seleção, prefácio e notas de . . . 2 vols. Lisboa, Empresa de Publicidade “Seara Nova”, 1975-1976 328 e 489 pp.
- FERREIRA, Manuel – *A Aventura Crioula ou Cabo Verde – Uma síntese étnica e cultural*. Pref. de Baltasar Lopes. Coleção “Poesia e Ensaio”, n.º 14. Lisboa, 1967 276 pp.
- LARANJEIRA, Pires – *Antologia da Poesia Pré-Angolana (1948-1974)*. Prefácio, estudo, seleção e notas de . . . Porto, Afrontamento, 1976 106 pp.
- ANDRADE, Garibaldi de; COSME, Leonel – *Novos Contos d’África – Antologia de contos angolanos*. Organização de . . . Sá da Bandeira (Angola), Publicações Imbondeiro, 1962 240 pp.